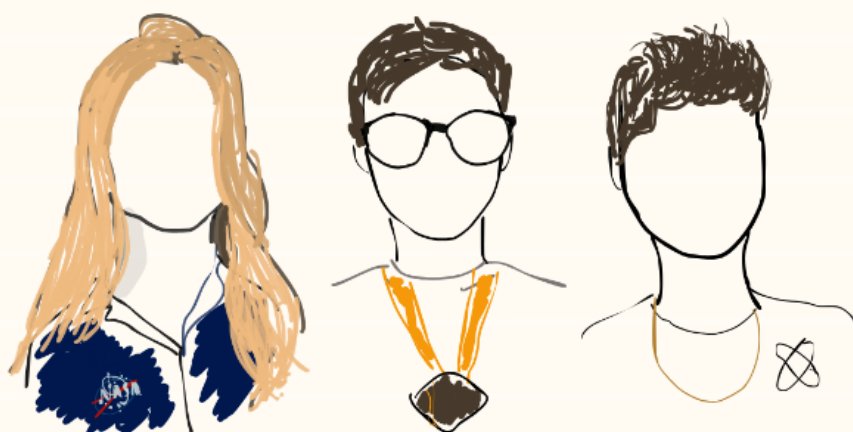


Superdotados



ALÉXIA ELIAS

Superdotados

Adolescentes de Florianópolis com alto QI contam as histórias e angústias de viver com uma condição cheia de estigmas e mitos

Por Aléxia Elias

Um caderno escolar para uma matéria tem, em média, 96 folhas. Quase no final do ano, o caderno de Geografia de Rosa Maria Miranda está quase todo preenchido com os conteúdos copiados do quadro e as atividades feitas no nono ano do Ensino Fundamental.

Neste ano, a organização do caderno conta como uma das notas para a disciplina. O professor faz a checagem durante as aulas, passando pelas carteiras enquanto os alunos trabalham. Rosa sempre fica tranquila, pois realiza todas as atividades solicitadas - ou pelo menos quase todas -. Ela ficaria contente com uma nota mediana, afinal, “não tinha se esforçado tanto assim”. No entanto, ao receber a nota, não fica feliz. Um oito. Rosa não entende a razão, mas tudo bem, tinha feito o básico. A indignação vem depois, quando uma amiga, que tinha o costume de fazer as atividades com ela e, portanto, tinha o caderno exatamente com as mesmas anotações, as mesmas respostas, e o conteúdo copiado com os mesmos dizeres, tira nove. Um nove. Um ponto a mais?

— Professor, eu não entendi. Por que ela recebeu uma nota maior? Olha os cadernos, estão iguais. Rosa, que quase não reclamava, foi indagar.

— O caderno não está à sua altura, Rosa. Esperava mais de você, ele disse.

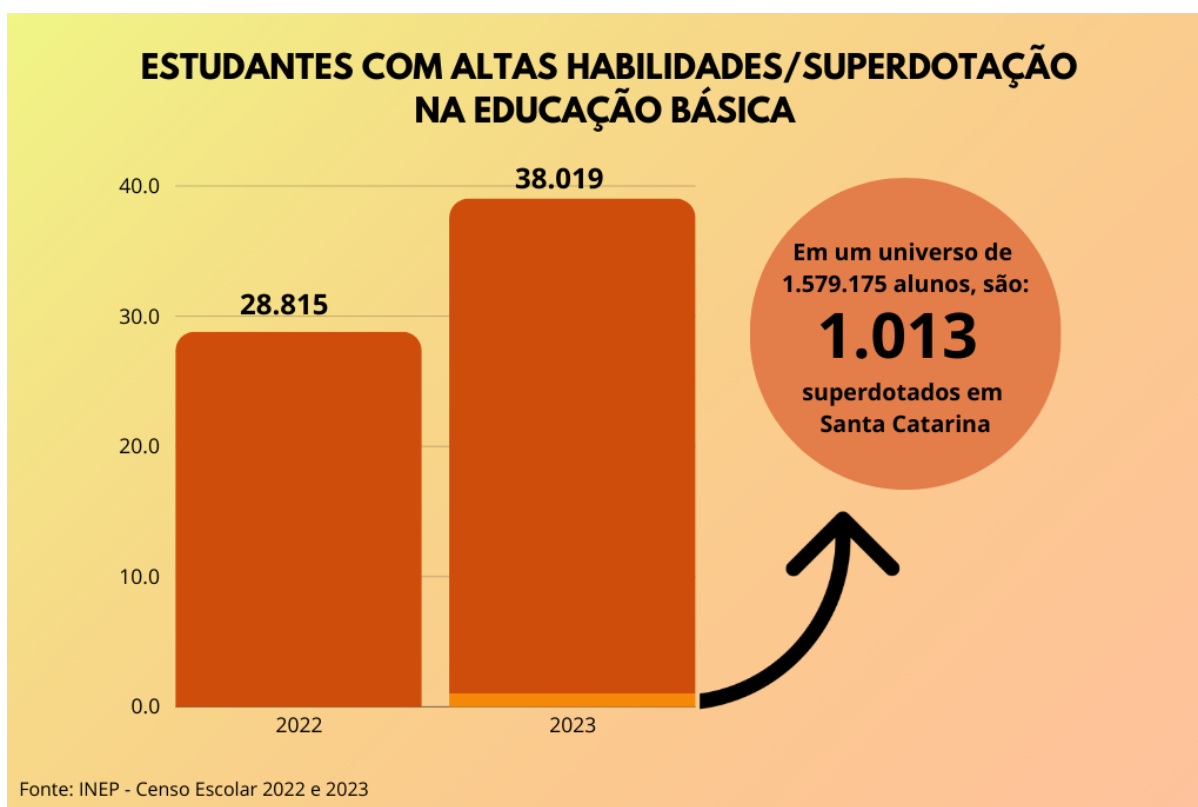
A situação ocorreu no final de 2021, e Rosa, que hoje tem 17 anos, ainda sente a indignação. Ela admite que poderia ter feito melhor, sabe que poderia ser mais caprichosa, mas não quer. Não queria isso no nono ano, nem agora, que está no terceiro ano do ensino médio, prestes a decidir sobre seu futuro fora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis. “Eu

só quero receber a mesma nota que a outra pessoa. Sei que é para estimular o aluno, mas acaba formando um ambiente injusto”.

Quando estava no ensino fundamental, Rosa não tinha a identificação de pessoa com altas habilidades. O diagnóstico veio no final de 2022, quando tinha 15 anos. Mesmo assim, a cobrança dos professores já era grande naquela época, com uma expectativa por notas altas e eficiência em todas as disciplinas.

Rosa é uma das 38.019 estudantes identificadas com altas habilidades/superdotação no Censo Escolar de 2023, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), entre os 47,3 milhões de alunos matriculados na educação básica (de quatro a 17 anos). Esta cifra revela um aumento de 31,96% em relação ao Censo do ano anterior, que identificou 28.815 estudantes com superdotação, num universo de 47,4 milhões, sendo 37,9 milhões da rede pública e 9,4 milhões da rede privada.

Em Santa Catarina, o Censo Escolar de 2018 identificou 1.013 alunos com superdotação, em um universo de 1.579.175 crianças e adolescentes matriculados no ensino básico e médio, tanto na rede pública quanto na rede privada.



Para a identificação, o INEP define que pessoas com altas habilidades ou superdotação são aquelas que têm potencial intelectual, acadêmico, de liderança, psicomotor e artístico acima da média. Essas habilidades podem atuar sozinhas ou de forma conjunta, com alta criatividade e desempenho nas atividades de áreas que são do interesse da criança ou do adolescente.

De acordo com o psicólogo Damião Silva, perante a legislação brasileira, não há diferença entre os conceitos de altas habilidade e superdotação, são apenas palavras diferentes, principalmente do ponto de vista dos direitos dessas pessoas. Entretanto, o professor de psicologia francês François Gagné, da Université du Québec, Canadá, em seu artigo *From Gifts to Talents: The DMGT as a Developmental Model*, explica que a superdotação é inata, é uma condição natural, biológica. Já as altas habilidades, podem ser aprendidas e incentivadas ao longo dos anos. Assim, algo que era apenas uma propensão, pode se tornar um talento.

Partindo deste entendimento, Silva esclarece que as altas habilidades poderiam ser influenciadas pelo ambiente em que as crianças estão inseridas. O processo se daria por meio de estímulos, tanto da família quanto do ambiente escolar. O problema, segundo o psicólogo, é que faltam meios para realizar a identificação. O Censo Escolar de 2023, revela que apenas cerca de 0,08% dos alunos brasileiros possuem altas habilidades, mas Silva e tantos outros especialistas acham que os casos são subnotificados. “Onde essas pessoas estão no Brasil?”, questiona ele. Para o psicólogo, as teorias atuais aplicadas na identificação são insuficientes.



Créditos: Aléxia Elias

Outra questão é a falta de qualificação para os professores, que muitas vezes não reconhecem a condição dos alunos nas salas de aula porque não sabem o que ter altas habilidades significa. “Como que eu vou identificar uma coisa que eu não conheço, que eu não sou preparado, que eu não estudei?”, alerta Silva. Essa situação se dá, entre outras questões, pelo mito de que a pessoa com superdotação é excelente em todas as áreas. Silva defende que os professores devem estar preparados para reconhecer a condição a partir de outro olhar, com capacitações oferecidas pelo poder público e a revisão do currículo escolar, distante dos estigmas. Ele alerta, ainda, para a necessidade de criação de um novo modelo de identificação, que torne o processo mais rápido e eficiente.

A identificação

A identificação das altas habilidades e/ou superdotação é um processo longo e complexo. No caso de Rosa, a identificação foi feita de acordo com a teoria das inteligências múltiplas, elaborada pelo psicólogo americano Howard Gardner. Segundo a teoria, cada pessoa pode ter aptidão em uma ou mais áreas, e pode não ter tanto domínio em outras, levando em consideração não apenas seu Quociente Intelectual (QI). Esta perspectiva parte de uma compreensão abrangente de inteligência, que abarca sete áreas diferentes: inteligência lógico-matemática, linguística, interpessoal, intrapessoal, corporal, espacial e musical. Rosa foi identificada com altas habilidades em cinco áreas: lógico-matemática, naturalista, existencialista, comunicação e intrapsíquica. Cada uma das habilidades que constam no relatório da adolescente significa uma aptidão ou até mesmo uma facilidade em uma área. A inteligência naturalista, por exemplo, é a facilidade em lidar com o meio ambiente, conseguindo diferenciar elementos da natureza, como as diferentes espécies de animais e plantas. “Gosto muito, muito mesmo, de ter contato com a natureza assim”, explica enquanto suspira e gesticula, olhando para as plantas que tem ao seu redor. “Só de estar ao ar livre, já me faz muito bem, sabe?”.



Rosa Maria participa do programa científico International Astronomical Search Collaboration da Nasa |

Foto: Acervo pessoal.

Quem identificou as habilidades da adolescente foi a professora de educação especial do Colégio de Aplicação, Eloisa Barcellos de Lima. O processo levou quase um ano, entre testes, questionários e observações constantes. Barcellos explica que a superdotação se reúne em um tripé. “Ela precisa demonstrar interesse e habilidade na resolução de problemas na área, precisa dar conta das tarefas em relação àquilo, e a última questão é que ela precisa concluir tarefas”. A teoria dos tripés aplicada pela professora, também é conhecida como teoria dos três anéis, de Joseph Renzulli. Os três anéis representam as três áreas que compõem o comportamento da superdotação: a habilidade acima da média, a criatividade, e a motivação de terminar tudo o que precisa ser feito nos diferentes âmbitos da vida.

Giselle Araújo, pedagoga do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAHS), da Fundação Catarinense de Educação Especial, vinculado ao Governo do Estado de Santa Catarina, explica que o primeiro anel, referente à habilidade acima da média, pode ser avaliado tanto em diversas áreas, como no caso de Rosa e de muitas outras pessoas com essa condição; como se manifestar em uma área específica. “É um mito, na verdade, achar que a pessoa

que tem superdotação ela domina tudo. Ela não domina tudo. Ela pode, sim, talvez, mas ela pode ser focada em uma área”. Esse domínio se dá, segundo Araújo, na área de exatas, humanas, artes, sinestésica. “A pessoa pode ser uma grande bailarina, uma grande ginasta”, esclarece. O segundo anel, da criatividade, se relaciona com a capacidade de resolver situações rapidamente, de formas diferentes. Pensar em uma solução independente de qual seja o problema. O último anel trata sobre a persistência e a dedicação em realizar tarefas.

Ao longo do processo de identificação, os diferentes testes que são realizados visam avaliar a superdotação a partir destes três anéis. Os questionários para a identificação são padronizados, feitos com a família, os professores, e a criança ou adolescente. Para a família, as perguntas são direcionadas aos dados pessoais de cada membro e relativos ao desenvolvimento, com perguntas como a idade em que começou a ler frases completas - e não apenas o seu próprio nome -, a andar e a falar. Questões sobre a vida escolar, as atividades preferidas, assuntos que mais gosta de conversar também são considerados. Além disso, em alguns questionários, a vida social é igualmente abordada, a partir de perguntas como a frequência de conversas com outras pessoas e participação em atividades extracurriculares.



Teoria de Renzulli, de acordo com a psicóloga e pesquisadora Angela Virgolim | Créditos: Aléxia Elias, baseado no modelo de Renzulli

Rosa, além de responder aos formulários, participou de atividades específicas para analisar seu raciocínio lógico, através da resolução de diversas situações. Na

conclusão, Rosa se saiu bem em todas as áreas. Barcellos também aplicou testes e verificou que a adolescente é altamente reflexiva, olhando com sensibilidade e empatia para as questões de outras pessoas e as próprias. Essa facilidade faz parte da habilidade existencialista, que se complementa com a intrapsíquica. Esta habilidade tem relação com a formulação de perguntas filosóficas sobre a vida, incluindo questões como a existência humana e a morte. “Ela tem uma atenção às questões filosóficas que levam a se pensar nesta habilidade intrapsíquica. Estamos trabalhando semanalmente dentro disso e ela tem evoluído realmente muito bem, ela tem estado mais calma, mais feliz com as coisas e com a vida dela”, explica a professora.

A teoria de Renzulli é utilizada em grande parte das identificações feitas, tanto por profissionais como Barcellos, quanto por instituições como o Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAHS), seguindo a recomendação do Ministério da Educação.

O NAAHS utiliza, ainda, um caderno técnico e a avaliação não é feita em crianças que estão na educação infantil, somente nas que estão no ensino fundamental e ensino médio. Mas isso não é uma regra. O núcleo recebe os pedidos de avaliação a partir do contato dos pais ou responsáveis, que precisam enviar uma série de documentos da criança, como certidão de nascimento, número de identidade, CPF, comprovante de residência e histórico escolar. Também é necessário, o envio dos questionários preenchidos pela família e por um professor. Outros documentos, como laudos e certificados de destaque em competições são igualmente considerados. Todo o processo leva, em média, de três meses a um ano para ser concluído. Lucas Schneider, que hoje tem 13 anos, recebeu a identificação quando tinha quase seis. Na época, uma professora que é prima de sua mãe, Aline Zimmer da Silva, de 44 anos, disse estar desconfiada da condição e pediu uma avaliação. Antes de iniciar o processo, a família toda foi até a casa da professora para uma visita. Ela, então, começou a fazer cálculos mentais com o menino, que acertava todos os questionamentos. Impressionada por uma criança de seis anos estar fazendo cálculos de porcentagem, sugeriu que a família investigasse imediatamente.

Para além das habilidades, a infância de Lucas foi bastante atribulada, a família se mudava com frequência, pois o pai do menino, Leandro Schneider Ribeiro,

de 46 anos, seguia carreira militar. À época do diagnóstico, em 2019, a família morava em Brochier, no Rio Grande do Sul. Segundo Aline, na cidade, com apenas cinco mil habitantes, não havia profissionais com muito conhecimento sobre a condição. Na escola em que Lucas estudava trabalhava uma única educadora de educação especial que não tinha compreensão e estudos específicos sobre altas habilidades. “Ela trabalhava na escola e ela não tinha muito conhecimento a respeito disso também, era mais voltada para a deficiência. Então ela só começou a fazer alguns testes”, lembra Aline.

Com os testes, a professora de Brochier percebeu que o nível de interpretação de texto do menino era muito avançado para a idade, principalmente pelos livros que lia. A leitura sempre fez parte da vida de Lucas, incentivada pela mãe, que é psicóloga.



Lucas tem 13 anos, participa da oficina de robótica no Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAHS), localizado em São José | Foto: Acervo pessoal

A paixão pela leitura e pela saga *Harry Potter* é um ponto em comum entre Lucas e Gilberto Duffles Teixeira Fernandes, de 16 anos. Ambos já leram e releeram os sete livros escritos pela autora britânica J. K Rowling várias vezes. Uma das diferenças entre eles, no entanto, é que Gil, como prefere ser chamado, foi identificado muito mais cedo, com apenas quatro anos de idade.

Com cinco anos, ele já estava no segundo ano do fundamental, no Colégio de Aplicação da UFSC, o mesmo em que hoje estuda Rosa. Gil nem sequer se lembra do processo de identificação. “Eu era muito novo, então me contaram mais ou menos um ano depois”. Ele só foi entender a diferença de ter altas habilidades quando começou a conviver com pessoas que não eram da escola, pois sentia que aprendia de forma mais rápida.

O processo vivenciado por Gil não foi muito diferente do de Lucas. Quando seus pais, Catherine Duffles e Fábio Fernandes Barbosa, ambos com 39 anos, perceberam que as habilidades do adolescente eram avançadas para sua faixa etária, resolveram buscar apoio em um local especializado para investigar e poder estimular seu potencial. Foi então que Catherine procurou o NAAHS de Florianópolis. “Chegou um resultado que não foi propriamente aqueles resultados com um número de três dígitos, tipo 130, algo assim, deu um nível de porcentagem de quantas pessoas no mundo tem aquele nível de consciência”, lembra Fábio, pai do adolescente. Depois de mais alguns testes na área que o jovem demonstrava interesse, Gil foi identificado com superdotação em lógico-matemática.

Aceitação e estímulo da família

Como a identificação de Rosa foi feita na adolescência, o papel de sua mãe, Josilene Pereira, de 43 anos, foi de apoio. Ela conta que a adolescente chegou em casa certo dia e disse “olha, eu preciso te avisar, eu estou sendo atendida”. Quando a identificação finalmente chegou, a primeira reação de Josilene foi “ai meu Deus, mais uma coisa que o colégio está inventando”. No começo, Josilene, não entendia o que significava ser uma pessoa com altas habilidades, mas sabia que Rosa era diferente, no sentido de precisar fazer muitas atividades para se sentir preenchida, buscando estar sempre ocupada. Aos poucos, ela foi consultando com a professora Barcellos, que lhe explicava as diferentes situações. “E aí eu não tava entendendo coisa nenhuma. Sabe quando tu entra numa área que vê palavras novas? Superdotação... tinham várias palavras que era a primeira vez que eu estava vendo”,

lembra. A relação próxima que tem com a filha, ajudou Josilene a se sentir mais confiante. “A gente é sincera assim uma com a outra, temos essa liberdade”, diz. “Eu participo um pouquinho, como quando a Rosa comentou algumas coisas comigo de que os professores às vezes cobravam, mas não sei dos mínimos detalhes”.

Aline, mãe de Lucas, que é psicóloga, notou que o menino era diferente quando ele tinha dois anos. Com essa idade, ele falava palavras de forma correta e, seis meses depois, “começou a perceber as letras”. “Ele começou a juntar as letras dele, ele me perguntava ‘mamãe, o ‘B’ e o ‘A’ fica ‘Ba’, né?’, ele já me dava a resposta”, Aline lembra rindo. Com o tempo, o pequeno foi desenvolvendo cada vez mais essas habilidades, pegando livros e lendo algumas palavras. Foi aos três anos que começou a ler frases completas. “Mas como eu era mãe de primeira viagem, eu só pensei que ele era inteligente”. Aos quatro anos, na creche, as atividades pedagógicas já eram entediantes, segundo ela. Por essa razão, a identificação não foi uma surpresa.

A família de Gil percebeu que o adolescente tinha qualidades diferentes aos dois anos. “Ele tinha uma vasta gama de palavras já desenvolvidas”, destaca Fábio, seu pai. Em seguida começou a desenhar letras, dar nome a elas e, claro, ampliar sua curiosidade. A curiosidade em saber que letra era aquela, que forma era aquela. “Ele perguntava ‘o que é isso?’, e eu respondia ‘ah, isso é a letra N, com o som tal’, ele já entendia tudo”. Para o pai do hoje adolescente, foi tudo muito rápido, tanto a percepção da escrita, quanto da leitura e do entendimento dos números.

Ao lembrar desse processo, Fábio sente que poderia ter estimulado mais o filho. “Talvez faltou da minha parte entender mais, procurar mais coisas externas para ele fazer”. Quando Gil tinha por volta de 14 anos, Fábio e Carine se divorciaram. “Eu queria que ele tivesse algo a mais, como um acompanhamento psicológico, porque foi uma separação difícil para eles, então foi muita coisa, talvez pudesse ter sido mais amparado”, reflete Fábio, mas logo lembra que foi um processo difícil para toda família.

Em março de 2023, Gil, Fábio e Nayara Fernandes Barbosa, a atual esposa do programador, se mudaram para Portugal para “ter uma escola e uma faculdade melhores”. Fábio trabalha de forma remota em uma empresa de tecnologia do Brasil. A família de Nayara é de Lousada, uma vila portuguesa no norte do país, então

quando viram que as condições financeiras estavam favoráveis, resolveram seguir para a Europa. Segundo Fábio, a mudança beneficiou muito o adolescente. “Isso porque ele não era um rapaz muito sociável na escola dele, então ele tinha uma certa raiva, de não ser aceito, de não ter muitos amigos”.



Gil, 16, hoje mora em Portugal com a família | Foto: Acervo pessoal.

Para Aline, a parte mais difícil foi e ainda é estimular o potencial de Lucas em meio às mudanças da família. Quando o menino tinha oito anos foi morar em Tefé, um município com pouco mais de 50 mil habitantes no Amazonas, segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas de 2024. O menino não se adaptou muito bem à nova cidade, principalmente por não haver atividades dentro e fora da escola que fossem suficientes para suprir sua vontade de aprender. Além disso, o lugar em que a família estava não tinha internet ilimitada, era preciso comprar dados para usar por algumas horas. “Eu também não estava com muita vontade de enturmar, eu queria só sair logo de lá”, lembra Lucas.

Então, Aline foi em busca da biblioteca pública municipal, para procurar livros que pudessem lhe interessar. Lá encontrou o livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, o primeiro livro da saga da escritora J.K. Rowling, recomendado por uma prima. Quando

o pequeno foi desvendando a história do órfão que descobriu ser um bruxo e teve que se adaptar a um novo mundo na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, se apaixonou. Terminou às 255 páginas em dois dias. O problema foi que a biblioteca de Tefé só tinha o primeiro livro. Aline precisou encomendar pela internet os outros. Por ser uma cidade do interior em que as coisas só chegam por avião ou barco, o frete para entrega foi quase o preço do livro. “Eu lembro que foi caríssimo. Então a gente encomendou e aí quando ele terminou o Lucas ficou relendo os livros, ele começou de novo porque ele lia tudo muito rápido”. Quando se mudaram, os livros ficaram em Tefé, não foi possível carregar todo esse peso na bagagem.

Assim, rodeado de livros, Lucas foi desenvolvendo sua habilidade de interpretação de texto e reconhecendo outras. As habilidades nas Ciências Naturais foram identificadas pela professora do Rio Grande do Sul. Certo dia, a professora chamou Aline na escola para contar um episódio que sempre faz a mãe do menino sorrir ao lembrar. A professora havia levado para a escola um pote de vidro com um casulo de uma borboleta-monarca, para uma demonstração de ciências. No meio da aula, Lucas levantou a mão e explicou para ela e para os demais colegas da turma que essa espécie viaja cerca de quatro mil quilômetros nas migrações dos Estados Unidos para o México, onde elas vivem majoritariamente na Reserva da Biosfera Borboleta-monarca. “A professora disse que achava uma loucura esse negócio que ele falou, mas decidiu dar uma pesquisada e realmente tem, né? Daí ela me perguntou de onde que ele tirou isso”, lembra Aline. “O fato é que o Lucas, por exemplo, quando ele ligava a TV ele colocava no National Geographic, ele gostava de olhar isso”.

A televisão e os livros eram algumas das formas de manter o menino entusiasmado com assuntos que lhe causavam curiosidade, principalmente no contexto da pandemia. Aline confessa que a paciência também fazia parte dos desafios de seus dias, sempre respondendo - ou ao menos tentando - as perguntas mais inusitadas. Hoje ela sabe que os Flamingos são cor-de-rosa por causa da alimentação com crustáceos específicos que causam a pigmentação das penas dele, graças às perguntas de Lucas.

Segundo o neuropsicólogo Silva, a curiosidade faz parte da personalidade da maioria das crianças, mas em aquelas com altas habilidades se apresenta de uma maneira um pouco diferente, é precoce e por temas incomuns para a faixa etária. Além

disso, são pessoas que não ficam satisfeitas com uma única resposta, como “porque sim” ou “porque não”. “São pessoas mais sensíveis, mais intensas emocionalmente, mas têm um interesse, uma curiosidade fora do comum dos temas ali que não fazem parte da idade”, explica.

Os estigmas e o senso comum foram alguns dos motivos que incentivaram Gabriela Castro, de 38 anos, a criar um perfil em uma rede social para compartilhar informações com a própria família sobre a condição de Vicente, seu filho que hoje tem sete anos, mas foi identificado como superdotado aos cinco. Gabi, como prefere ser chamada, resolveu colocar no grupo da família um aviso que estava criando o perfil no Instagram para “poder estudar, buscar informação, e dividir informação com vocês, porque eu não vou poder ficar ligando todo dia para falar, é muita gente pra eu dar conta. Então eu vou estudando e vou postando ali, vocês vão estudando também para vocês saberem lidar com ele”. Sua intenção era reunir em um só lugar estudos que pudessem ajudar a família a ver seu filho como uma pessoa que possui suas particularidades. O perfil tomou uma proporção que ela não imaginava, chegou a outras famílias que também buscavam conhecer a condição de seus filhos. Hoje, pouco mais de um ano após ter criado o perfil, Gabi tem mais de mil seguidores, entre mães e pais de crianças com altas habilidades identificadas. “Começou a ter um movimento, outras mães começaram a me mandar mensagem, então hoje eu estou recebendo todo dia *direct*, respondendo *direct*, conversando com outras mães”.

Agora, ela quer compartilhar sua experiência e ajudar outras mães a entenderem e, talvez, se entenderem também. Para ela, falar sobre altas habilidades é importante “porque são experiências que a gente vive que a gente fica assim ‘caramba, será que isso só acontece comigo, só com a minha criança?’”.

Para fazer as postagens, Gabi precisou pesquisar muito sobre o assunto. Ao debruçar-se sobre as pesquisas e iniciar o processo de identificação de Vicente, Gabi revisitou seu passado, identificou nela mesma algumas características do menino e passou a compreender algumas das dificuldades que havia vivenciado na infância, como ser conhecida por ser “respondona”, “curiosa demais”. Até mesmo a facilidade em determinadas áreas de estudo que permitiram a aprovação em diversos concursos públicos aos 19 anos, ganhou uma nova compreensão. Buscando ajuda para Vicente, Gabi descobriu, aos 36 anos, que também é uma pessoa com altas habilidades.

Ela não é a única, entre os pais de superdotados. Alguns estudos, como o *A neurocomputational model of developmental trajectories of gifted children under a polygenic model: When are gifted children held back by poor environments?*, publicado na National Library of Medicine, associa a influência genética na capacidade cognitiva, ou seja, pessoas consideradas mais inteligentes podem ter herdado genes de seus pais.

Eu poderia ser nota dez, mas não quero

Para as pessoas com altas habilidades o interesse é uma das chaves para o desenvolvimento. Na escola, Gil tinha muita facilidade com as atividades de matemática, com os cálculos e exercícios sendo resolvidos em minutos. Essas eram as únicas atividades que ele tinha ânimo e vontade de fazer. “As atividades de matemática eu sempre fazia porque eu gostava”. Porém, em outras disciplinas, o adolescente deixava as tarefas de lado. “Todas as matérias eu achava fáceis, só que como eu não gostava, eu simplesmente não entregava”, lembra, agora já formado aos 16 anos. Algumas matérias, “que tem que escrever muito”, como português e história, lhe geravam verdadeira aversão. Mesmo não entregando as atividades, Gil alcançava uma boa nota nas provas pela facilidade em aprender os conteúdos. “Por isso”, explica, “Eu nunca repeti de ano, balanceava um pouco, já que a maior parte da nota é com as provas”. Não era a nota máxima, mas estava na média e, para ele, isso bastava.

Lucas também não sente a necessidade de ser sempre o aluno nota dez, mas quando o assunto lhe interessa, deseja ser o melhor. O menino diz não sentir uma cobrança nos comentários dos professores, mas para ele é difícil errar.

Angústia e desestabilização fazem parte dos momentos em que as coisas não alcançam suas expectativas ou saem do seu controle. Começa com coisas simples, como uma atividade cotidiana da escola. Algo que não tem importância, de repente se torna especial e ele deseja terminar custe o que custar. Isso com todas as matérias,

principalmente matemática, a que ele mais gosta. O problema, segundo Lucas, é que essa percepção da importância às vezes vem tarde demais, quando a aula já está prestes a terminar. Essa situação algumas vezes o levou a não conseguir concluir as atividades a tempo e, algumas delas, valiam nota.



Lucas recebeu uma medalha na Olimpíada Brasileira de Matemática de 2022 | Foto: Acervo pessoal

Para Rosa, o sentimento não é muito diferente. Ela sabe que poderia melhorar no desempenho acadêmico, porém, tudo o que envolve a escola não lhe interessa tanto. “As coisas são fáceis, elas são muito básicas. E aí eu sinto a necessidade de sempre saber mais e aprofundar, então eu acabo não gostando da escola por isso”. A

professora Barcellos explica o motivo do desinteresse: “O foco das altas habilidades de Rosa não é na parte acadêmica, mas na área científica”. Além disso, segundo ela, o interesse da adolescente não está em uma ciência específica, é uma curiosidade constante em conhecer e entender. “Ela não se furta de buscar resoluções daquilo”. Rosa investiga, observa, quer saber mais. “Isso se comprova por cada situação que ela trazia, por exemplo na época em que fazia um estágio no planetário [da UFSC]. Ela tinha o quê? 14 anos? Aí depois ela foi para o projeto Meninas da Ciência na Física, aí nós começamos a entrar em contato com a Fundação Catarinense”, lembra a professora.

A autocobrança e o pensamento de que sempre poderia fazer mais é uma característica de personalidade bastante comum em pessoas com altas habilidades, segundo o neuropsicólogo e mestre em avaliação psicológica Damião Silva, que também foi identificado como uma pessoa com superdotação. O perfeccionismo presente em Lucas, Rosa, Gil e em tantas outras pessoas com essa condição, não é positivo. “Isso vai trazer estresse no dia a dia, estresse no contexto escolar, no contexto familiar que vai acabar disputando muito engajamento”, explica o especialista. O excesso de autocrítica se torna prejudicial em várias áreas da vida, incluindo a escolar.

De acordo Silva esse não é um traço adquirido por pressão dos pais ou dos professores, mas uma característica que nasce com a pessoa, que está presente em praticamente todas as áreas da vida e pode impactar na saúde mental. O neuropsicólogo observa que algumas estratégias podem ser utilizadas para minimizar os danos desse processo, principalmente pelos familiares, de forma a ensinar a criança a aceitar o erro. “Às vezes a gente ensina os pais a errarem propositalmente na frente deles para mostrar que está tudo bem errar. Para a gente é um processo que causa dor aqui, causa dor esse perfeccionismo, então é preciso ter cuidado”. Ele se usa como exemplo, pensando na dificuldade que ele próprio tinha em aceitar seus erros e como não teve tanto apoio assim da família.

A mãe de Rosa Maria, Josemari Pereira, de 43 anos, tenta ser diferente. Conversas e mais conversas desde a infância da filha para explicar à filha que as notas não a definem. Ela lembra das infinitas vezes em que Rosa chegava em casa reclamando que algum professor tinha cobrado notas mais altas. “Eles esperavam

mais de mim”, ela dizia. Josemari, que é formada em meteorologia pela UFSC, reforça seu entendimento, “Tudo bem ser mediana, a gente não está aqui para disputar com ninguém, sempre falei para ela viver todas as experiências”. Em uma das reclamações, um pouco mais recentes, ela resolveu olhar a nota da filha. “Quando eu fui ver a nota depois, nem era tão ruim assim, ela que está se cobrando muito, tanto ela quanto os professores”.

Segundo o neuropsicólogo Silva, a vontade, ou melhor, a necessidade de agradar também faz parte da personalidade de muitas pessoas com altas habilidades. Ele explica que essa necessidade, associada com o perfeccionismo acentuado, acabam gerando um processo intenso de ansiedade. “Imagina alguém que é perfeccionista, tem um processo de ansiedade bastante elevado, uma necessidade de busca de pertencimento, o tempo todo uma busca para agradar as pessoas que eles gostam bastante porque é importante, é um coquetel Molotov de sofrimento”.

Estudos recentes têm associado a superdotação de crianças e adolescentes a maiores índices de depressão, ansiedade e inquietação, se comparadas a crianças e adolescentes sem a condição. Entre as pesquisas destaca-se: *Emotional and Behavioral Characteristics of Gifted Children and Their Families*, publicada em 2018, no *National Library of Medicine*. Em uma amostra de 105 crianças com idades entre 9 e 18 anos, 49 foram identificadas como superdotadas e 56, como o que os autores denominam “inteligência normal”. A análise permitiu verificar que as crianças superdotadas se autodenominam mais frequentemente como desatentas e hiperativas, além de possuírem funcionalidades sociais e saúde mental piores em relação às outras.

Lucas conta que antigamente o processo de perceber seus “erros” era mais doloroso. Segundo ele, agora consegue lidar melhor. “Estou conseguindo trabalhar um pouquinho mais isso, mas era um problema que eu tinha muito idiota, de ficar me cobrando assim”. Antes, para ele, todos os erros viravam uma pressão a mais, uma responsabilidade. A difícil relação de Lucas com seus erros vem da infância. Aline, sua mãe, lembra bem do comportamento do filho quando alguma coisa dava errado. “Quando ele era pequeno eu falava ‘filho, não tem problema’, porque a questão dele é que ele tinha que fazer tudo certo e ser um dos primeiros a terminar”, seus olhos refletem preocupação e acrescenta. “Se ele não terminava... Nossa...”, suspira. O

menino reconhece sua dificuldade. “Eu ficava bravo e acabava transformando tudo em pressão, tudo que me falavam virava mais pressão”. Lucas nunca fez nenhum tipo de terapia, este foi um pedido do próprio adolescente. “Teve uma época que cheguei a cogitar de ele fazer”, lembra Aline e explica “Ele me disse que estava dando conta, mas que se sentisse a necessidade falaria”.

Atualmente no nono ano, está se preparando para realizar a prova para cursar o ensino médio integrado no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Lucas quer muito passar, pois acredita que no IFSC terá uma boa qualidade de ensino. “Eu vivia sempre para o lado negativo da coisa, eu sou bastante pessimista, uma coisinha vira uma coisona”. Pensando sobre a prova que terá que fazer em breve, reflete: “Se eu não passar...”.

Atendimentos e suportes

Em meio a tantos desafios, pais e responsáveis pelas crianças e adolescentes muitas vezes buscam apoio em especialistas e na própria rede de ensino. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece o Atendimento Educacional Especializado (AEE), disponibilizado às pessoas com altas habilidades. É dentro desta proposta que funciona o Núcleo de Atividades em Altas Habilidades/Superdotação (NAAHS/SC). Segundo a pedagoga Giselle Araújo, que trabalha na instituição, as crianças frequentam o espaço e integram oficinas de atividades exploratórias de acordo com sua área de interesse. Lucas participa da oficina de robótica, mas há ainda oficina de práticas visuais, de comunicação e expressão que possui diversas ramificações como o projeto Jornalista Mirim, com produção de reportagens e entrevistas.

O núcleo, no entanto, não atua sozinho. “Aqui no NAAHS, na grande maioria, nós somos pedagogas, e aí nós buscamos parcerias de acordo com as áreas de interesse do aluno”. Um exemplo é o projeto de ciências que está sendo desenvolvido no espaço sobre energia renovável, e que foi viabilizado graças à parceria com uma

empresa que arca com os custos do transporte dos alunos até lugares onde podem ver como a energia funciona na prática. Giselle lembra de outro caso bastante emblemático, há alguns anos um menino de nove anos foi avaliado com altas habilidades em diversas áreas, mas após um ano de trabalho, demonstrou um interesse específico pela Rússia. O entusiasmo no assunto, então, foi levado até a professora de história do núcleo, que ao entender o caso, sugeriu uma parceria para aprofundar o interesse do garoto. O Grupo de Estudos da Rússia da Universidade Federal de Santa Catarina foi contatado e, após uma conversa com um dos coordenadores, o NAAHS e o grupo conseguiram organizar uma conversa da criança com um professor de Moscou, capital da Rússia. Na conversa, realizada remotamente, via *Google Meet*, o menino até falou em russo, algo que ninguém sabia que ele sabia. “Ele me surpreendeu. É um menino que estudou em escola pública, teve poucas oportunidades, mas estava buscando conhecimento e conseguimos fazer essa ponte com esse professor”. Até hoje, dois anos depois, Giselle não entende de onde surgiu o interesse do menino pelo assunto, mas sabe o quão importante a experiência foi para ele e, no fim das contas, é isso o que importa.

Atualmente o NAAHS possui unidades em todos os estados brasileiros. Em Santa Catarina são 38 pontos de atendimento em todas as regiões do estado. O objetivo de proporcionar o suporte ao maior número de crianças e adolescentes possíveis. Lucas foi uma das primeiras crianças atendidas pelo NAAHS em Florianópolis, capital catarinense, que veio de uma escola pública. Em 2021, um mês após deixar de Tefé, no Amazonas, e se instalar na cidade, a escola do menino aderiu a uma greve. Aline entrou em pânico, sem saber o que fazer para que ele não sentisse tanto as mudanças na rotina. “Eu estava desesperada nesse sentido de não desmotivar ele com relação ao estudo, já que era uma coisa que ele gostava, mas ele tava bem desmotivado mesmo”, lembra. Foi então que decidiu buscar o NAAHS.

O entrave, no entanto, foi que a equipe, naquele momento, só atendia alunos de escolas estaduais ou particulares. “Aí eu praticamente implorei, né?”, conta rindo. Ela diz que explicou que Lucas estava se sentindo desmotivado e que tinha aquele laudo inicial feito quando a família morava no Rio Grande do Sul, há cerca de seis anos. A profissional que a atendeu decidiu ajudá-la, pediu que enviasse toda a documentação necessária para que o menino fosse avaliado por três meses. Lucas

começou a ser atendido algumas semanas depois. Frequentava o núcleo uma vez por semana, participando de projetos. O que era pra ser um atendimento de alguns meses se estendeu até os dias atuais, três anos depois. Hoje Lucas acorda às 6h e duas vezes por semana se desloca do bairro Pantanal, em Florianópolis, para o município de São José, onde fica a sede do NAAHS. Depois, voltam para o bairro na Ilha de Santa Catarina, para a escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito.

Os primeiros projetos que Lucas participou foram nas áreas de matemática e produção textual. Um pouco cansado de fazer as mesmas atividades, no ano passado decidiu “tentar algo novo”. Aproveitou que a equipe de robótica o chamou para participar da equipe de torneios e resolveu se aventurar no projeto novo. “A robótica está me ajudando muito a entender a questão de programação e robô em geral, automatização de setores produtivos... eu acho muito legal construir e montar os circuitos, é muito legal”.

O acompanhamento no NAAHS também está fazendo a diferença na maneira como os professores o atendem na escola. A equipe de profissionais entra em contato com a instituição de ensino e realiza reuniões com os professores para explicar como eles podem complexificar suas atividades escolares, buscando estimulá-lo.

Lucas ainda acha as atividades muito simples. Ele diz que possui muita facilidade na aprendizagem do conteúdo, basta ouvir a explicação do professor, realizar dois ou três exercícios referentes à matéria e pronto, tudo fica gravado. “Eu consigo decorar a base do conteúdo e acabo aplicando em outras situações”, explica. A temida fórmula de Bhaskara, por exemplo, foi aprendida muito rapidamente. “Eu aprendi a fazer quando o sinal é negativo e positivo e agora eu só aplico no caso que precisa”, diz com orgulho.

Em 2023, o adolescente avançou do sexto para o oitavo ano de uma só vez, mudando toda a rotina escolar e familiar. A medida, conhecida como aceleração escolar, é prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96). Tanto Lucas quanto Aline descrevem o processo como “tranquilo”, com dificuldades apenas na primeira semana de aula na nova turma, quando ele se encontrou com colegas dois anos mais velhos, adolescentes de 15 anos. “Eu consegui um grupo de amigos lá, daí eu fico convivendo com eles. Eu não sou amigo de todos, eu sou mais,

tipo assim, de toda a turma”, explica Lucas. A mãe conta que, nos primeiros dias, conversou com ele, lhe dando liberdade para escolher se permanecia no oitavo ano ou voltava para o sexto. No dia seguinte, ele voltou para casa mais empolgado, segundo Aline, pois tinha feito um trabalho em grupo de um assunto que ele já sabia o conteúdo por ter estudado por outros meios. Assim, ele pôde explicar para os colegas o assunto e contribuir.

O psicólogo Silva explica que a aceleração escolar é uma das poucas medidas pedagógicas pesquisadas mundo afora em universidades de renome, como a de Doha, no Catar, e Oxford, na Inglaterra. As pessoas, segundo ele, possuem uma visão deturpada do processo, entendendo-o como uma medida em que o aluno simplesmente pula alguns anos, quando “na verdade não é assim”. Ele salienta que uma criança superdotada aprende de forma diferente, em um ritmo mais acelerado. Uma matéria que outro aluno poderia demorar semanas para entender, o superdotado pode aprender em minutos. Dessa forma, para ele não faz sentido fazer com que a criança espere tanto tempo para estudar outros conteúdos.

Uma pesquisa intitulada *Top 1 in 10,000: A 10-year follow-up of the profoundly gifted* e publicada na *American Psychological Association (APA)* analisou, em 2001, a experiência de crianças com altas habilidades em relação à aceleração escolar. O estudo foi feito com 320 crianças superdotadas de até 13 anos e mostrou que sete em cada 10 participantes disseram estar satisfeitos com a aceleração que tiveram. No mesmo estudo, outro dado chama a atenção: aqueles que não estavam satisfeitos não era porque não tinham gostado da aceleração em si, mas que preferiam ter acelerado para séries escolares ainda mais avançadas.



Créditos: Aléxia Elias com elementos do Canva

Silva destaca, entretanto, que cada caso deve ser analisado de forma individual, com acompanhamento psicológico para avaliar a maturidade emocional da criança. “Esse processo nada mais é que uma medida pedagógica que vai colocar essa criança ali para que ela aprenda no ritmo dela, sem impactar a saúde mental”. No caso dele, que foi acelerado da sétima série para o segundo ano do ensino médio, o processo trouxe benefícios no sentido de melhorar a saúde mental e a socialização.

No caso de Lucas, o desempenho escolar caiu um pouco, pois precisa de ajuda em algumas matérias que não tem tanta afinidade, mas Aline conta que os professores estão sendo muito solícitos e o apoiam no que é necessário.

Em relação à aceleração escolar, o NAAHS orienta que uma prova seja aplicada antes do processo, para entender se a criança ou adolescente tem os conhecimentos necessários para o ano em que será matriculado. Além disso, a criança, segundo Giselle Araújo, pedagoga do NAAHS, deve ser consultada. “Às vezes o pai fica achando que o filho sabe muito, acelera e aí acontece uma quebra porque ele pode se destacar naquela turma, mas chegando na outra pode não dar certo”, explica. “Ele pode se sentir um peixe fora d’água”. Nos casos que a pedagoga já acompanhou, a aceleração teve um efeito positivo.

Outra forma de suporte institucional é o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Para Rosa, este acompanhamento foi uma virada de chave. Ela menciona que o atendimento, garantido por lei para pessoas com altas habilidades, a fez ser uma pessoa desprendida das exigências e cobranças externas. “Eles podem cobrar, mas isso não tem a ver comigo, é a sua expectativa em cima de algo que não existe”, diz. Foi no AEE que as professoras Eloisa Barcellos e Renata Silveira que a acompanham, a ajudaram a descobrir suas potencialidades e mudar sua percepção de mundo. “Mudou a minha vida”.

O AEE, de acordo com o INEP, deve estar especificado no projeto pedagógico escolar para a elaboração de recursos pedagógicos e de acessibilidade para a participação de estudantes que fazem parte do público da educação especial, incluindo pessoas com altas habilidades. De acordo com o Decreto n.º 7611, de novembro de 2011, todas as escolas públicas, independentemente da modalidade de ensino, devem oferecer o atendimento no turno contrário das aulas, como apoio da escolarização. Porém, a participação dos alunos não é obrigatória.

A legislação diz, ainda, que o suporte deve ser oferecido de preferência nas chamadas Salas de Recursos Multisensoriais, conhecidas também como Salas Multimeios, mas não obrigatoriamente. Em Florianópolis, das 315 escolas públicas, 58 estão equipadas com essas salas, com recursos especiais para o trabalho com os estudantes, como materiais didáticos, mesas redondas, teclados adaptados, e acessibilidade disponível nos móveis do local. Segundo o INEP, além das salas, o AEE pode ser oferecido em outras escolas de ensino regular. No caso das escolas privadas, também há a possibilidade de oferta do AEE, mas a lei proíbe qualquer tipo de cobrança ou taxa pelo atendimento.

Nem tudo são flores...

Diversas pesquisas mostram que a socialização é desafiante para pessoas com altas habilidades, mesmo aquelas com superdotação em áreas relacionadas à comunicação. Um estudo publicado em 2021 na revista *Educar em Revista* denominado *As vulnerabilidades das altas habilidades e superdotação: questões*

sociocognitivas e afetivas, da Doutora em Psicologia Educacional pela Universidade de Connecticut, nos Estados Unidos, Ângela Virgolim, mostra que uma das características da condição é a preferência pela companhia de pessoas mais velhas.

Este é o caso de Rosa. A adolescente se considera alguém muito aberta para conhecer novas pessoas e sabe que isso a ajuda no processo de socialização, mas se sente deslocada, principalmente agora, no ensino médio. “Eu sinto assim que o pessoal ainda de 16, 17 anos, é um pouco imaturo [...] Sinto que eles não conseguem ter um papo muito cabeça que, às vezes, eu gosto e tenho com um pessoal um pouco mais velho”, explica. Por isso, segundo ela, faz amizades, tem pessoas próximas, mas não constrói relações profundas.

A primeira lembrança dela relacionada a essa questão é no quarto ano do ensino fundamental. Aos 10 anos, tinha amigos já do sexto ano, dois a três anos mais velhos que ela. Depois, no oitavo ano, o ensino passou a ser remoto por causa da Covid-19, e Rosa começou a ficar um pouco mais sozinha e a experiência foi boa. “Eu particularmente adoro ficar um pouco sozinha”, ri. Na infância, Josilene, mãe de Rosa, conta que ela também era assim, com muitos amigos, mas que havia ocasiões em que se isolava, ficava mais introspectiva.

Agora, Rosa percebe que possui mais amigos fora da escola e que, a grande maioria, têm mais de 20 anos. Isso porque como os amigos sempre eram de séries escolares mais avançadas, chegou um momento que “como eu estou ficando um pouco mais velha, não tem mais séries depois, entende?”. No segundo ano do ensino médio, ela prefere ter amizades que já estão na graduação, mesmo se dando bem com pessoas de sua turma.

A mãe de Rosa diz que a filha sempre comentou sobre essa dificuldade em ter amizades da mesma idade, citando que “às vezes ela acaba ficando um pouco entediada com essa galera mais nova”. Entretanto, Josilene conta que sempre incentiva a adolescente a entender que ela faz parte do grupo atual de amigos da escola, para que a jovem também tenha amizades com pessoas de sua idade.

Esse é um traço da personalidade de Rosa, conta a professora Barcellos. Ela diz que até tentou trabalhar isso com a jovem durante as orientações, mas que percebe que esse é seu estilo. “Rosa sente que as conversas não dizem respeito a

ela, conversas da adolescência”. Por outro lado, a professora explica que a adolescente era muito mais intolerante em relação às atitudes de outras pessoas da sua idade. “Ela vem respeitando muito mais o posicionamento dos outros, mas antes ela se irritava profundamente com as conversas dos adolescentes”.

Rosa também sabe que isso não lhe fazia bem. Em um dos debates da disciplina de Sociologia há três anos, o tema era cultura de massa, algo que a adolescente adora conversar. A turma foi dividida em grupos. Ela, então, ficou responsável por elaborar as perguntas do debate, preparando questões como: “O que a mídia vende para a população”, “Como sentimos a influência sobre o que consumir”, “O que você consome?” que, segundo ela, eram elaboradas, mas simples de responder. As colegas do seu grupo, no entanto, não concordaram com o nível de complexidade sugerido por Rosa, e disseram logo:

— Olha, eu acho que eles não vão ter capacidade de responder essas perguntas, não, disse uma delas.

— Gente, mas são perguntas tão... Tipo, é discussão, é um debate, é para debater mesmo!, respondeu Rosa, estressada com o caminho que a aula estava tomando.

As alunas se entreolharam, receosas de que as perguntas realmente estivessem num nível muito alto. No final da atividade, os colegas não corresponderam às expectativas de Rosa. “Eu fiquei abismada, meu Deus”, lembra. Hoje, ela consegue olhar para outros adolescentes com uma perspectiva diferente, segundo a professora Barcellos. “Ela consegue conviver naquele momento, dar umas risadas, brincar, jogar”, comemora e completa “Mas dali ela não tira nenhuma lição, ela não se envolve”.

Rosa experimentou o “glamour” e o reconhecimento por seus feitos um pouco antes da identificação de suas altas habilidades. Tudo aconteceu quando, em 2020, com 14 anos, mapeou sete asteroides no International Astronomical Search Collaboration (IASC) da Nasa. Na época as aulas da escola ocorriam em formato remoto, devido a pandemia, e ela usava as três horas que antes investia no deslocamento de ida e volta, entre sua casa no bairro Campeche, no sul da ilha e o Colégio de Aplicação da UFSC, de forma produtiva. O tempo, segundo ela, “poderia ser convertido em estudo”.

O tempo livre de Rosa passou a ser ocupado com diversas atividades extracurriculares, motivado pela vontade de fazer intercâmbio e de conhecer coisas novas. “Sempre fui uma criança bastante curiosa, sempre fiz bastante coisa”, conta. Um dos projetos em que se envolveu naquele momento se chama *Caça Asteroides*, uma parceria entre o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações e o IASC para achar asteroides com imagens fornecidas pela Nasa de um telescópio que pertence à Universidade do Havaí. Rosa passou horas e horas na frente do computador durante vários meses analisando as diferentes imagens, procurando os pequenos fragmentos do sistema solar que orbitam o Sol. A partir dessa análise encontrou sete que ainda não estavam catalogados, e vai poder batizá-los. O processo de confirmação pela NASA de que as descobertas de Rosa realmente são asteroides e a nomeação dos corpos celestes leva um tempo - de seis a dez anos -, mas a participação no projeto já lhe rendeu uma grande experiência.

Na época, diversos veículos jornalísticos a procuraram para entrevistas sobre seu feito. Ela apareceu em diversos canais de televisão e ganhou notoriedade, principalmente no meio universitário. Recebeu, inclusive, uma moção de aplausos em 2022 da Câmara de Vereadores de Florianópolis, uma iniciativa da Comissão da Ciência e Tecnologia e da Comissão em Defesa dos Direitos da Mulheres e Promoção da Igualdade de Gênero.

Quando voltou para o colégio presencialmente, em 2022, foi surpreendida por comentários maldosos. “As pessoas me chamavam de maluca, e aí eu ficava ‘nossa será que eu tô...’, eu não entendia o porquê disso, o porquê de todo mundo me chamando assim, como se fosse algo normal: ‘ah, olha a maluca”, eu pensava o quão ruim era aquilo”, lembra Rosa. Ela destaca que toda a situação foi muito difícil de lidar, principalmente porque se importava com o que as outras pessoas falavam sobre ela. Segundo Josilene, o pior de tudo era que as palavras vinham de pessoas próximas.

Josilene aconselhou sua filha a agir de forma firme contra os comentários. Assim, a adolescente resolveu conversar seriamente com os amigos e pedir que parassem. Alguns pararam, outros não, mas Josilene diz que ela não chega mais em casa reclamando como antes. Barcellos, por outro lado, conta que esse tipo de situação acontece ainda, com menos frequência, mas acontece. Por isso, ela tem

trabalhado com a orientadora educacional do colégio para conversar com a turma de Rosa e explicar sua condição.

Rosa conta que fica imaginando os comentários que pessoas com deficiência ouvem no ambiente escolar, já que ela, mesmo com uma condição vista de forma positiva, “tão uau”, como ela mesmo caracteriza, recebe comentários pejorativos. “Se eu que já tenho superdotação sou chamada de maluca, de esquizofrênica, de coisas ruins, imagina o quanto que as pessoas não sofrem”, a indignação está presente em sua voz.

Para a jovem, os estereótipos da comunidade escolar como um todo, incluindo os professores e outros estudantes, são uma das partes mais difíceis em relação às altas habilidades. Ela conta que enfrenta, de um modo geral, comentários que levam para o senso comum da condição, sobre a genialidade, as habilidades em todas as áreas possíveis. “Eles acabam esquecendo também que existe uma pessoa por trás daquela cabecinha ali”, reflete Rosa sobre a atitude dos colegas.

A relação de Lucas com os colegas de sala também não é fácil. Às vezes não por comentários maldosos, mas porque a turma não compreende sua postura. O menino se coloca à frente de situações que necessitam de seriedade e maturidade e já foi representante de turma algumas vezes, ajudando os professores e a direção escolar. Com os amigos, está à disposição para ajudar, fazendo um “papel de professor” em sala de aula nas matérias que mais gosta, como ciências, matemática e história.

Lucas conta que precisou formar uma “nova personalidade” para não ser conhecido apenas como “o inteligente” em sua escola, um estereótipo muito comum em pessoas com altas habilidades. Ele nunca viu isso como uma cobrança, porém como uma forma de colocá-lo no centro dos holofotes, como um gênio. “Geralmente eu vejo esse termo como se fosse uma metáfora. Eu não sou literalmente [um gênio], eu tô bem longe de ser, mas no padrão acaba sendo a nível de escolaridade, acaba que as pessoas falam isso. Nunca deixei isso subir na minha cabeça, eu espero”, dizendo e completa, “mas eu não sei muito o que fazer nessas situações”.

Lucas diz que nunca sofreu *bullying*, pelo contrário, sempre teve muitos amigos que o apoiam até mesmo nas bagunças em sala de aula. “Eu e meus amigos

a gente consegue terminar as atividades rápido. Aí, às vezes eu ajudo para a gente poder pegar o tabuleiro e jogar”, ri. “Dessa eu não sabia”, diz Aline rindo.

O amigo Riquelmy, de 14 anos, conta que Lucas, além de inteligente, é uma pessoa muito carismática. “Ser amigo do Lucas é muito legal. É uma das amizades que eu quero mesmo na minha vida”. Na sala de aula, o adolescente diz que o amigo ajuda outros alunos, “tendo atenção com todo mundo”.

Para Lucas, o desafio hoje é lidar com as mudanças no cenário escolar. Devido a aceleração de fase, ele precisa estudar para disciplinas que há um ano não estudava e está “odiando” ter que abrir os livros e realizar questões para aprender os conteúdos. Com o fim do ensino fundamental, está se preparando para entrar no curso integrado ao ensino médio de mecatrônica no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), disponível no campus de Florianópolis. Para entrar nessa modalidade, é necessário fazer uma prova. Na metade de 2024, Lucas resolveu tentar, como um treineiro, e concorreu com cerca de 302 candidatos. Um pouco mais de 20 pessoas disputaram cada vaga, e ele não conseguiu passar. “Eu não me esforcei o suficiente, na hora acaba batendo o nervosismo, que eu tenho bastante, e eu sei que algumas questões eu acertaria se tivesse respondido com calma”, lamenta. Agora, ele sabe que precisa sentar e colocar a cabeça nos livros, mesmo que seja um processo difícil. Ele explica que quando estuda “faz render, principalmente em matemática, que tinha muita coisa que na primeira prova eu não sabia”. Apaixonado pela disciplina e em História, está estudando temas novos, como a Segunda Guerra Mundial.

Para Gil também foi difícil aceitar quando não passou nas duas faculdades - Universidade de Évora e Universidade de Beira Interior - que aplicou para cursar inteligência artificial, pois não teve nota suficiente em matemática. Em Portugal, onde mora, o ingresso no ensino superior é diferente, com provas escolares associadas ao curso escolhido. O adolescente precisava de notas boas em matemática e química/física. “Eu fiquei um pouco chateado, mas eu sei que eu posso tentar de novo”. O mais difícil para Gil foi perceber que precisaria começar a estudar de verdade, algo que, assim como Lucas, nunca precisou fazer. “Eu queria ter aprendido [a estudar] antes, porque agora nesse exame, quando eu tentava estudar, não fixava na minha memória”, lembra, frustrado. “Lia várias vezes, anotava as partes importantes, mas depois ia dormir, acordava e já tinha esquecido tudo”.

Fábio, pai de Gil, se culpa pela pressão que colocou no adolescente para que passasse de primeira na faculdade. “Era uma expectativa minha, de achar que ter algumas altas habilidades o coloca na situação onde se é obrigado a dar certo em tudo, e nem sempre é o que vai acontecer”. Ele explica que o conteúdo de matemática é diferente do lecionado no Brasil, mais dificultoso, com mais teoria do que prática, e que talvez isso tenha feito o jovem perder um pouco o interesse, o que para ele, é normal de um adolescente.

Na verdade, Gil conta que apesar de saber que pode tentar de novo, ele não quer. Está estudando programação, inspirado pela profissão do pai, e “é encantador de ver ele aprendendo”, revela Fábio. Alguns conteúdos que muitos adultos não dominam, Gil ouve a explicação de seu pai com poucas palavras e logo fala: “Ah, entendi”. Fábio diz que, às vezes, se pega refletindo sobre a inteligência do filho, pois, de certa forma, por conviverem muito, sente que se acostumou com seu raciocínio rápido. É nessas horas, quando Gil faz coisas que Fábio demorou anos para aprender, é que o pai lembra que o adolescente é superdotado. “No dia a dia eu me acostumei, mas às vezes eu me pego refletindo assim, que é muito rápida a velocidade com que ele aprende”.

Porém, Fábio acaba se sentindo afastado do filho pelo comportamento mais introvertido do adolescente. Na escola, Gil conta que se dava bem apenas com um grupo de crianças mais velhas que ele. Agora, em casa, não se abre tanto com a família sobre suas dores e problemas. “Quando ele precisa de algo, ele fala com um primo meu. Se não tiver ninguém para resolver, ele vai simplesmente guardar aquela dor para ele”, assume Fábio. Por isso, o pai do adolescente tenta estar sempre atento às pequenas pistas que Gil deixa quando precisa resolver alguma dificuldade. Afinal, sempre tiveram uma boa relação.

O psicólogo Silva alerta para o cuidado que os pais e responsáveis precisam ter com a chegada da adolescência na vida da pessoa com altas habilidades, onde as emoções são mais intensas, sempre buscando o equilíbrio entre apoio e autonomia. “É essencial que os pais promovam um ambiente de diálogo aberto, validando os sentimentos, sem impor o controle excessivo”.

Não ter colegas em Lousada, em Portugal, também impede que Gil tenha alguém para conversar. “Ele sempre foi um garoto mais afastado, não é muito social, não sente muito prazer na companhia dos outros”, explica Fábio. A praia de Gil é mais um ambiente virtual, com amizades em jogos *on-line*. RPG, sigla para *Role Playing Game*, é seu estilo favorito de jogo. Nele os participantes assumem papéis de personagens para contar uma história. O preferido de Gil é o famoso *League of Legends*, onde, nas partidas, faz amigos virtuais. “O assunto principal sempre é o RPG, mas às vezes a gente conversa no final da sessão”.

Apesar de jogar ser o *hobby* favorito do garoto, Fábio precisou botar limites para que Gil equilibrasse o tempo estudando e jogando. A cada três horas jogando, são três horas estudando. Desde junho, ele se prepara sozinho para entrar na faculdade. Ainda com alguma dificuldade, está mais habituado ao ato de sentar-se à mesa e estudar. Se não der certo, Gil sabe que daqui sete anos, “com 23 anos, eu nem preciso mais de nota para entrar na faculdade”. Isso porque, em Portugal, o sistema de ingresso é diferente para maiores de 23 anos, com um concurso especial. Com ele, não é necessário ter um aproveitamento mínimo nas disciplinas para entrada em um curso, basta ter a idade adequada e nunca ter sido aprovado em curso superior antes.

Para Silva, o comportamento de Fábio é um bom exemplo. Ele está buscando o equilíbrio entre os hobbies e as responsabilidades do filho, está no caminho certo. “É importante criar uma base sólida nessa relação de confiança para que esse jovem enfrente os desafios da adolescência”.

Está tudo bem ser diferente

Lucas tem orgulho de suas altas habilidades. “Uma coisa bem interessante, acaba sendo uma coisa bem divertida”, afirma. Quando sua mãe lhe contou da identificação de superdotação, ele soltou um “ah, tá explicado”, revelando a satisfação

por compreender o motivo pelo qual as outras crianças tinham tantas dificuldades nos conteúdos escolares, sendo que, para ele, as matérias eram fáceis.

Saber que tem altas habilidades fez Rosa sentir um alívio quase que instantâneo. Ela não entendia a reação e dificuldade de outras pessoas. “Foi muito importante entender que o meu processo é diferente do das outras pessoas”. Ela destaca que se comparava com outros adolescentes da sua idade e que agora, sabendo que é superdotada, se acolhe de outra forma.

Gil deseja continuar estudando programação ao lado do pai, para aprender a programar em linguagem Java, assim como alternar com os jogos que gosta tanto e que lhe permitem ter contato com diversas pessoas do Brasil, mesmo que nunca as tenha visto pessoalmente. O adolescente ainda lembra de alguns projetos que participou no Colégio de Aplicação e que lhe deram orgulho, como um programa para informar as pessoas sobre a Covid-19 em 2020, na época da pandemia. “Nunca gostei de fazer atividade em casa. Eu tinha que fazer algo que não valia nota, um projeto para eu aprender alguma coisa, ensinar alguma coisa”, lembra.

O desejo de Rosa, após o ensino médio, é sair do Brasil e viver a vida acadêmica no exterior. Essa vontade vem desde a quinta série do ensino fundamental, quando quis fazer intercâmbio para Córdoba, na Espanha. Naquele momento, não deu certo por uma série de fatores, mas agora ela está decidida a aplicar para universidades internacionais, como a do Havaí, para cursar engenharia aeroespacial. “Quero trabalhar dentro dessa área de divulgação científica. Eu me identifico com isso, eu gosto muito do espaço e sempre gostei assim, desde pequenininha”. A experiência de localizar os asteroides durante a pandemia, ajudou na tomada de decisão. “Quero continuar espalhando essa paixão para inspirar outras pessoas a gostarem de ciências do espaço, outras meninas a ingressarem na ciência”.

Ela deu os primeiros passos com o lançamento do livro *Meninas brilhantes: A história de Estrela*, em outubro de 2024. A obra é o resultado do projeto de iniciação científica CNPq *Meninas e Mulheres na Ciência*, do departamento de Física da UFSC, do qual Rosa é bolsista ao lado das estudantes Erika Tischer e Roberta Rodrigues, orientadas pela professora Gabriela Kaiana. O livro é o primeiro de uma trilogia, e conta

a história da astrofísica Jocelyn Bell Burnell, responsável por descobrir o primeiro pulsar - uma espécie de corpo celeste formado durante a explosão de uma estrela -, em 1967.

Apesar de parecer ter a rotina muito cheia, com estudos e atividades extracurriculares, o processo de escrever o livro foi “natural, com estudos das histórias e das trajetórias das cientistas”, define. “Eu gosto de fazer tudo. Isso me faz viver”.



Rosa Maria no lançamento do livro. Da esquerda para à direita: Joana dos Passos, Vice-reitora da UFSC; Rosemy Nascimento, professora do curso de Geografia na UFSC; Irineu Manoel de Souza, Reitor da UFSC; Rosa Maria Miranda, Erica Tischer, Roberta Rodrigues, bolsistas do Departamento de Física da UFSC | Foto: Acervo pessoal.